Relatório sobre Emprego e Tendências Sociais da Organização Internacional do Trabalho (OIT), edição 2026, e suas conexões com o mundo do trabalho, no Brasil

El Informe sobre Empleo y Tendencias Sociales de la Organización Internacional del Trabajo (OIT), edición 2026, y sus conexiones con el mundo del trabajo en Brasil

The International Labour Organization (ILO) Employment and Social Trends Report, 2026 edition, and its connections to the world of work in Brazil

Frederico Peres

Resumo. O relatório anual sobre Emprego e Tendências Sociais da Organização Internacional do Trabalho, edição 2026, lançado em janeiro último, aponta que apesar do registro de estabilidade na taxa global de desemprego, mundos desafios ainda persistem no mundo do trabalho, ao redor do planeta. Sejam as barreiras para o ingresso de jovens no mercado de trabalho, sejam as históricas desigualdades de gênero e raça, os desafios desvelados pelo relatório apontam para a necessidade de uma ação coordenada entre instituições de diferentes setores, governos e a sociedade civil, com o objetivo de promover o trabalho decente e a justiça social, sobretudo em regiões e países tradicionalmente vulnerabilizados frente à expansão das grandes cadeias de suprimentos e do comércio digital. O Brasil apresenta uma tendência distinta do conjunto de países de renda média-alta, registrando, em 2025, as menores taxas de desemprego desde o início da série histórica, em 2012, inclusive para a faixa etária de 18 a 24 anos. Apesar dos números positivos, alguns desafios ainda persistem, como as iniquidades de gênero e raça no mundo do trabalho, bem como as marcadas diferenças entre os padrões apresentados nas diferentes regiões do país.

Palavras-chave: Desemprego; Tendências Sociais; Mundo do Trabalho; Desigualdades Sociais.

Resumen. *El informe anual de la Organización Internacional del Trabajo sobre Empleo y Tendencias Sociales, edición 2026, publicado en enero pasado, señala que, a pesar de la estabilidad registrada en la tasa mundial de desempleo, aún persisten varios desafíos en el mundo laboral a nivel mundial. Ya sean las barreras para el acceso de los jóvenes al mercado laboral o las desigualdades históricas de género y raza, los desafíos revelados por el informe apuntan a la necesidad de una acción coordinada entre instituciones de diferentes sectores, gobiernos y la sociedad civil, con el objetivo de promover el trabajo decente y la justicia social, especialmente en regiones y países tradicionalmente vulnerables a la expansión de las grandes cadenas de suministro y el comercio digital. Brasil presenta una tendencia distinta a la del grupo de países de ingresos medianos-altos, registrando, en 2025, las tasas de desempleo más bajas desde el inicio de la serie histórica en 2012, incluso para el grupo de edad de 18 a 24 años. A pesar de las cifras positivas, persisten algunos desafíos, como las desigualdades de género y raza en el mundo laboral, así como las marcadas diferencias entre los patrones presentados en las diferentes regiones del país.*

Palabras clave: *Desempleo; Tendencias sociales; Mundo del trabajo; Desigualdades sociales.*

Abstract. *The International Labour Organization's annual report on Employment and Social Trends, 2026 edition, published last January, indicates that although the worldwide unemployment rate is stable, numerous obstacles continue to exist in the global labor market.*

The report highlights barriers to youth employment and historical inequalities related to gender and race, indicating a need for collaborative efforts among institutions across various sectors, governments, and civil society to foster decent work and social justice, particularly in regions and countries historically susceptible to the growth of extensive supply chains and digital commerce. In 2025, Brazil exhibited a trend divergent from other upper-middle-income nations, recording the lowest unemployment rates since the inception of the historical series in 2012, particularly among the 18-24 age demographic. Notwithstanding the favorable statistics, issues endure, including gender and racial disparities in the workforce, along with significant variations in patterns throughout different parts of the country.

Keywords: *Unemployment; Social Trends; Labor Market; Social Inequities*.

Introdução

Em 14 de janeiro último, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) lançou a edição 2026 do seu Relatório sobre Emprego e Tendências Sociais (https://researchrepository.ilo.org/view/delivery/41ILO_INST/13147301370002676?bypassKey=492dd5a5-3f7a-45de-9fa7-2d91f07c5f19), importante referência sobre as tendências e perspectivas globais para o mundo do trabalho. E que destaca, no cenário atual de instabilidade geopolítica, social e econômica, a necessidade de uma ação coordenada entre instituições de diferentes setores, governos e a sociedade civil, com o objetivo de promover o trabalho decente e a justiça social, sobretudo em regiões e países tradicionalmente vulnerabilizados frente à expansão das grandes cadeias de suprimentos e do comércio digital.



As principais mensagens-chave, apresentadas no documento, são abaixo reproduzidas, na íntegra, traduzidas a partir do original (em língua inglesa), disponível em: https://www.ilo.org/publications/flagship-reports/employment-and-social-trends-2026

1. Os mercados de trabalho permanecem estáveis, mas essa estabilidade é frágil – A projeção é de que o desemprego global permaneça inalterado em 4,9% em 2026, indicando estabilidade contínua nos principais indicadores do mercado de trabalho, após período de recuperação pós-pandemia. No entanto, essa estabilidade não deve ser confundida com um retorno a condições mais saudáveis no mercado de trabalho. Por trás dessa aparente normalidade, o progresso na qualidade do emprego estagnou, as desigualdades permanecem arraigadas e os mercados de trabalho estão cada vez mais expostos a riscos econômicos, demográficos e tecnológicos globais, que podem rapidamente comprometer a tendência atual de estabilidade.

2. A lacuna global de empregos e os déficits na qualidade do emprego permanecem muito grandes – Olhando além do desemprego, a lacuna global de empregos mais ampla – que engloba pessoas que desejam trabalho remunerado, mas não conseguem acessá-lo – deverá atingir 408 milhões em 2026. Isso destaca um nível muito maior de demanda de mão de obra não atendida do que o indicado apenas pelo desemprego. Ao mesmo tempo, as melhorias na qualidade do emprego diminuíram drasticamente. Quase 300 milhões de trabalhadores continuam vivendo em situação de extrema vulnerabilidade laboral e 2,1 bilhões de trabalhadores permanecem no emprego informal, muitas vezes sem acesso a direitos básicos, proteção social ou, mesmo, garantia de renda. O crescimento real dos salários e da renda do trabalhador ainda não se recuperou totalmente dos recentes choques inflacionários, limitando os ganhos reais nos padrões de vida.

3. Os resultados do mercado de trabalho estão divergindo entre os grupos de renda – As tendências do mercado de trabalho diferem cada vez mais entre os grupos de renda em que se encontram os países. Nas economias de renda alta e média-alta, o envelhecimento da população e o crescimento mais lento da força de trabalho estão ajudando a estabilizar o desemprego, mesmo que a criação de empregos permaneça modesta. Em contraste, os países de renda baixa enfrentam uma rápida expansão da força de trabalho, com o emprego projetado para crescer 3,1% em 2026. Apesar desta perspectiva, os fracos ganhos de produtividade e a limitada transformação estrutural significam que muitos dos novos empregos são (e serão) de baixa qualidade. Essa divergência aumenta o risco de que os países com maior potencial demográfico tenham dificuldades para concretizar um dividendo demográfico.

4. O crescimento da produtividade é muito fraco e desigual para impulsionar a convergência – A produtividade global do trabalho deverá crescer a um ritmo moderado, e bastante desigual, em 2026, no conjunto de países. Os ganhos de produtividade permanecem particularmente fracos nas economias de renda baixa, inibindo a convergência de rendimentos entre os países e limitando as melhorias nos padrões de vida e na qualidade do emprego. Ao mesmo tempo, o ritmo da transformação estrutural – a migração de trabalhadores para setores mais produtivos e formais – diminuiu acentuadamente nas últimas duas décadas, restringindo a capacidade das economias em gerar um crescimento sustentado (e sustentável) do emprego de alta produtividade, bem como um crescimento geral do rendimento.

5. As desigualdades persistem, especialmente para mulheres e jovens – As desigualdades persistentes continuam a moldar o acesso ao trabalho e a qualidade do emprego. As mulheres representam apenas dois quintos da força de trabalho global e têm 24,2% menos probabilidade do que os homens de ingressar no mercado de trabalho, o que reflete barreiras históricas ao trabalho remunerado, com viés de gênero. Os jovens enfrentam desafios particularmente graves: o desemprego global atinge entre 12,4% dos jovens e 20% dos indivíduos da faixa etária – cerca de 260 milhões de pessoas – não estão empregados, estudando

ou em formação (NEET). Estas desvantagens podem deixar marcas profundas nas perspectivas de emprego ao longo da vida destes grupos de trabalhadores.

6. O comércio e os riscos globais estão remodelando as perspectivas do mercado de trabalho – O comércio e as cadeias de valor globais continuam a sustentar o emprego, com cerca de 465 milhões de postos de trabalho ligados à demanda externa em todo o mundo. No entanto, a desaceleração do crescimento do comércio global, o aumento da incerteza em relação às políticas comerciais e as rápidas mudanças tecnológicas podem estar remodelando as perspectivas do mercado de trabalho, ao redor do planeta. Juntos, esses fatores aumentam a incerteza e limitam o potencial do comércio como um forte motor de criação e melhoria da qualidade do emprego. Além disso, os riscos decorrentes da adoção acelerada da IA e do elevado endividamento soberano podem deteriorar as perspectivas do mercado de trabalho, caso se concretizem.

7. A redução do déficit de trabalho decente dependerá cada vez mais de ações internas – Com o crescimento global moderado e o financiamento externo sob pressão, o progresso futuro do mundo do trabalho dependerá cada vez mais de políticas e decisões internas (nacionais). Fortalecer a criação de empregos, impulsionar o crescimento da produtividade, investir em capacitação, expandir a proteção social e reforçar as instituições do mercado de trabalho, especialmente aquelas dedicadas a proteger e apoiar os trabalhadores e as pequenas e médias empresas, será fundamental para reduzir o déficit de trabalho decente. A ação interna coordenada será essencial para construir mercados de trabalho mais inclusivos e resilientes em um ambiente global cada vez mais incerto.

Isto posto, o presente artigo busca discutir, a partir de dados do Relatório Emprego e Tendências Sociais 2026, da OIT, e dos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), referente ao ano de 2025, perspectivas globais e o contexto nacional do mundo do trabalho, destacando a oportunidade de construção de uma agenda integrada para a promoção do trabalho decente e o enfrentamento das iniquidades que, historicamente, impactam desproporcionalmente aos grupos mais vulnerabilizados da população, no país e no mundo.

Perspectivas globais de emprego

Segundo o documento, e apesar de toda a turbulência vivida no âmbito do comércio internacional, no último ano, a média global de desemprego permaneceu estável, em torno de 4,9% em 2025 (mesmo patamar de 2024) e, de acordo com projeções incluídas no relatório, com tendência de estabilidade até, pelo menos, 2027. Percentual que representa, na atualidade, aproximadamente 186 milhões de pessoas desempregadas.

Ao mesmo tempo em que informa a tendência de estabilidade na taxa global de desemprego, o documento registra o aumento na subutilização da força de trabalho, atualmente estimada em 222 milhões de pessoas, entre aquelas que trabalham menos horas do que gostariam ou poderiam (subocupados) e a chamada força de trabalho em potencial, que inclui pessoas que desistiram de buscar emprego (desalentados) ou que buscaram, mas não estavam disponíveis, por diferentes razões, para assumir a vaga de emprego. O que eleva para mais de 400 milhões o número de pessoas, ao redor do planeta, em condições de trabalhar, porém sem emprego (seja formal ou informal).

Ainda sobre a subutilização da força de trabalho, o relatório alerta que os jovens continuam a enfrentar dificuldades para ingressar no mercado de trabalho. Segundo dados

compilados pela OIT, o desemprego entre jovens subiu para 12,4% em 2025, estando cerca de 260 milhões de jovens em situação onde não estudam, não trabalham e não estão em processo de qualificação ou formação para o trabalho (condição representada internacionalmente pela sigla NEET, do inglês *not in employment, education or training* e, ocasionalmente, no Brasil, pelo termo sem-sem, significando *sem trabalhar e sem estudar*). Observa-se, no relatório, que as taxas de NEET entre os mais jovens têm forte variação segundo o grupo de renda dos países onde residem, chegando a 27,9% nos países de renda baixa (em comparação com uma taxa de 11% nos países de renda alta).

O documento alerta, ainda, que o avanço da Inteligência Artificial e dos processos de automação, em diferentes setores da economia, podem dificultar a busca pelo primeiro emprego, particularmente entre jovens com formação avançada (nível superior ou pós-graduação), em países de renda alta (e, também, média-alta, como o Brasil), principalmente no que se refere a profissões que exigem alta qualificação.

As desigualdades de gênero no mundo do trabalho são outro aspecto apontado, no documento, para destacar a estagnação do progresso global na direção de um trabalho decente e equitativo. Se, por um lado, a taxa de desemprego global para mulheres é, apenas, ligeiramente superior à taxa registrada entre os homens, por outro observa-se que elas enfrentam barreiras históricas de acesso ao mercado de trabalho, e não necessariamente à busca por um emprego. De acordo com estimativas da OIT, as mulheres têm 24% menos chances de participar da força de trabalho global quando comparadas aos homens.

Cabe observar, ao analisar os dados compilados no relatório, que as disparidades de gênero variam mais de acordo com a região que em relação ao grupo de renda do país, destacando o peso da determinação socioambiental e das normas e dinâmicas sociais, culturalmente conformadas nas diferentes sociedades, na produção das tendências de desemprego com viés de gênero.

No que diz respeito às variações nos padrões regionais de desemprego, é possível observar que a América Latina e o Caribe apresentaram projeções de queda em suas taxas de desemprego geral para o médio prazo, enquanto dados relativos à América do Norte apontaram para uma tendência de aumento do desemprego, no médio e no curto prazos. Ao mesmo tempo, observam-se variações regionais importantes em relação às taxas de crescimento da produtividade do trabalho, com a região da América Latina e Caribe apresentando o menor percentual (aproximadamente 1,0% de crescimento), enquanto o Sul da Ásia registrou um crescimento na ordem de 3,9%.

As disparidades de gênero, de oportunidades para os jovens e as notadas variações regionais sinalizam a importância de políticas inclusivas que, ao mesmo tempo, aumentem a produtividade e criem estratégias sustentáveis para o desenvolvimento da força de trabalho. Para o Diretor-Geral da OIT, Gilbert F. Houngbo, *"a menos que governos, empregadores e trabalhadores atuem em conjunto para aproveitar a tecnologia de forma responsável, expandindo as oportunidades de emprego de qualidade para mulheres e jovens – através de respostas institucionais coerentes e coordenadas –, a escassez de trabalho decente persistirá e a coesão social estará em risco."*

Algumas conexões com o mundo do trabalho no Brasil

Algumas evidências e tendências reunidas no relatório sobre Emprego e Tendências Sociais da OIT, edição 2026, também podem ser observadas no Brasil, ao mesmo tempo em que

se identificam singularidades e padrões específicos no cenário nacional. Entre os aspectos passíveis de comparação, estão a participação de jovens no mercado de trabalho, as desigualdades de gênero no mundo do trabalho e os impactos das dinâmicas do comércio global sobre as tendências de emprego e saúde do trabalhador.

Um primeiro ponto a se considerar é a participação de jovens no mercado de trabalho. Apesar do registro de um decréscimo do percentual de jovens que não estudam, não trabalham e não estão em processo de qualificação ou formação para o trabalho (NEET) no conjunto de países de renda média-alta, em geral, saindo de um patamar de mais de 21%, em 2005 (início da série histórica da OIT), para aproximadamente 17% em 2025, observa-se uma estagnação da melhora no período de recuperação pós-pandemia (2022-2025). Da mesma forma, a taxa global de desemprego entre jovens, que vinha em tendência de declínio desde 2020, estabilizou-se em 2024 em 12,3%, com projeções indicando que deverá permanecer nesse patamar até 2027.

Já no Brasil, observa-se uma tendência distinta da média dos países de renda média-alta, com o país registrando, em 2025, a menor média de desemprego para jovens entre 18 e 24 anos (11,4%) desde 2012, data de início da série histórica. Dados que corroboram análise do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), de outubro de 2025, que registrou o menor patamar de NEET entre jovens brasileiros de 14 a 24 anos, nos últimos 10 anos, com um percentual estimado em 17,9% no segundo trimestre de 2025 (https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2025/boletimEmpregoPauta31.html).

Importante destacar que, apesar das tendências positivas, o desemprego e a taxa de NEET entre jovens, no Brasil, ainda persiste como um grande desafio sociopolítico, que atinge, respectivamente, 1,6 milhão de jovens entre 18 e 24 anos (desemprego) e 8,9 milhões de jovens entre 14 e 24 anos (NEET), com notadas diferenças entre os grupos sociais e as distintas regiões do país.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua – https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadcm), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que, no ano de 2025, a tendência de queda do desemprego, observada entre os jovens trabalhadores, também foi registrada nas demais faixas etárias, com o país registrando a sua menor média histórica de desemprego, calculada em 5,6% (https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/45923-em-2025-vinte-unidades-da-federacao-registram-a-menor-taxa-de-desocupacao-da-serie). Entre os motivos apontados pelo IBGE para o registro desta mínima histórica estão o dinamismo observado no mercado de trabalho, com o aquecimento dos setores de serviços e comércio – associado ao aumento do investimento público e do consumo privado -, a políticas intersetoriais para a promoção do emprego e o aumento do rendimento real. Somente no que diz respeito ao valor anual do rendimento real habitual, estimado em R$ 3.560,00 em 2025, observou-se um incremento de 5,7% em relação ao estimado para 2024 (e de 15,5%, quando comparado com 2012, início da série histórica). Combinação de fatores que ressaltam a maior efetividade de ações intersetoriais em relação a políticas e programas circunscritos ao setor Trabalho & Emprego.

O Instituto ressalta, entretanto, que os números positivos, registrados no país (média nacional) mascaram questões estruturais importantes, como a manutenção de elevados índices de informalidade e subutilização da força de trabalho, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste do país, além das desigualdades de gênero. Mas indicam avanços em relação às políticas de emprego e geração de renda no país.

As desigualdades de gênero no mundo do trabalho, no Brasil e no mundo como um todo, estiveram presente na análise, publicada na edição 20 dos Cadernos CRIS, de novembro de 2025, pelo Prof. René Mendes, autor do artigo *"Investir na inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho traz múltiplos benefícios e pode ser um bom negócio, conclui novo Relatório da OIT, lançado a propósito do Dia Internacional do Cuidado e Apoio (29 de outubro) de 2025"*. No texto, o Prof. Mendes, ao analisar o relatório da OIT, de outubro daquele ano, sobre o impacto das responsabilidades de cuidado na participação das mulheres no mercado de trabalho, identificava que dois terços das mulheres em idade produtiva (25 a 54 anos) – o equivalente a 379 milhões de mulheres – estavam fora do mercado de trabalho devido a responsabilidades de cuidado.

A distribuição desigual do trabalho de cuidado, bem como de outras formas de trabalho não remunerado, entre mulheres e homens segue sendo uma das principais barreiras para a inclusão econômica das mulheres e sua participação efetiva no mercado de trabalho, ampliando as disparidades de gênero no mundo do trabalho. Situação que, segundo o relatório da OIT, analisado na edição 20 dos Cadernos CRIS (https://www.ilo.org/sites/default/files/2024-10/GEDI-STAT%20brief_formatted_28.10.24_final.pdf), demanda ações urgentes no sentido da garantia do trabalho decente, assegurando tanto o acesso ao cuidado para todos, quanto as condições para a promoção da equidade de gênero, nacional e globalmente.

Ainda segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), as mulheres das Regiões Norte e Nordeste e os jovens da Região Sudeste estão entre os grupos mais impactados pelo desemprego em 2025. No que diz respeito ao primeiro grupo, observou-se que na Região Nordeste do país, a taxa de desemprego entre as mulheres ficou em 8,8%, no último trimestre de 2025, enquanto para os homens registrou-se taxa de 5,9% no mesmo período. Já na Região Norte, a diferença foi ainda maior, com taxa de desemprego de 7,8% entre as mulheres e de 4,4% entre os homens – diferença significativamente maior que a média nacional, onde as taxas para mulheres e homens ficaram, respectivamente, em 6,2% e 4,2% no período.

No país, a luta pela equidade de gênero no mundo do trabalho esteve amplamente representada na V Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador e Trabalhadora, cuja etapa nacional foi realizada entre 18 e 21 de agosto de 2025. Na ocasião, foi apreciado e aprovado o relatório nacional consolidado da Conferência (https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/assuntos/conferencias/5a-cnstt/5-cnstt-relatorio-consolidado.pdf), no qual 134 diretrizes e mais de 500 propostas contemplaram, de forma transversal e bastante abrangente, estratégias para a garantia da equidade de gênero nas políticas e programas de promoção da saúde do trabalhador e da trabalhadora, no país.

Já no que diz respeito ao ingresso dos jovens no mercado de trabalho, e mesmo considerando a mínima histórica registrada na taxa de desemprego para a faixa etária entre 18 e 24 anos, cabe observar que as discrepâncias entre as distintas regiões do país ainda expressam a histórica desigualdade na distribuição de renda e de infraestrutura no país. Dados da PNAD Contínua mostram que, no último trimestre de 2025, a Região Sudeste apresentava a maior taxa nacional de desemprego na faixa etária entre 14 e 17 anos, com 22,8% dos jovens desocupados. No mesmo período, as Regiões Nordeste, Centro Oeste e Sul, respectivamente, registravam taxas de 21,7%, 20,8% e 15,8%, com a Região Norte apresentando a taxa mais baixa de desemprego para a faixa etária, no país (12,2%). A média geral, no Brasil, ficou em 19,9% nesse mesmo período.

Muito se tem a avançar, no país e no mundo, em relação à promoção do trabalho decente, com igualdade de gênero (e raça, etnia, classe social...) e promoção de condições justas de ingresso de jovens no mercado de trabalho. As evidências aqui compiladas, sobretudo no que se refere ao contexto nacional, apontam para a importância de políticas intersetoriais, voltadas à promoção do emprego, geração de renda e enfrentamento das históricas iniquidades sociais que persistem no país, como estratégias fundamentais para a superação dos grandes no mundo do trabalho, no Brasil, na América Latina e ao redor do planeta. Ações que precisam ser preservadas e fortalecidas, sobretudo em contextos de fortes turbulências geopolíticas que, frequentemente, resultam no agravamento das iniquidades socioeconômicas, com impactos desproporcionais sobre os grupos mais vulnerabilizados da população.

Estes e outros grandes desafios farão parte da agenda da 114ª Sessão da Conferência Internacional do Trabalho (https://www.ilo.org/international-labour-conference/114th-session-international-labour-conference), em junho deste ano, quando representantes de governos, empregadores e trabalhadores dos 187 Estados-Membros da OIT se reunirão para discutir questões do mundo do trabalho, incluindo estratégias para a promoção do trabalho decente (com ênfase no trabalho mediado por plataformas), a construção de uma agenda transformadora para a garantia da igualdade de gênero no trabalho, o fortalecimento do diálogo social e ações para a redução de assimetrias no contexto do tripartismo.